

**ANÁLISE SEMIÓTICA: AS VIRTUDES DA SUPER-HEROÍNA  
COM AS MARAVILHAS DE MARIA DE NAZARÉ**

*Janayne Pereira Oliveira* (UEMS)

[janayne.oliveira@gmail.com](mailto:janayne.oliveira@gmail.com)

*Tabitha Molina Monteiro* (UEMS)

[tabitha\\_molina@hotmail.com](mailto:tabitha_molina@hotmail.com)

*Antonio Carlos Santanta* (UEMS)

[acssuems@gmail.com](mailto:acssuems@gmail.com)

**RESUMO**

Maria de Nazaré era uma jovem virgem, noiva de um carpinteiro chamado José, fora escolhida entre todas as mulheres de Nazaré de Galiléia para conceber o filho de Deus, dando início a sua trajetória. Diana, filha de Zeus com Rainha Hipólita, nasce princesa, predestinada a ser uma super-heroína que irá defender a verdade e propagar a paz. Em seu percurso, cercado de desafios, lutas e louros, ambas com suas particularidades, mas se assemelhando em um ponto, a trajetória da heroína. Nessa perspectiva a pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória de Mulher-Maravilha e Maria de Nazaré sob o viés da teoria de Maurren Murdock. Desse modo, o estudo foi delineada pelos fundamentos da abordagem qualitativa e descritiva, utilizando autores Marston (1928), White (1980), Murdock (1990), Campbell (1997), Greimas (2008; 2014), Cagnin (2014); Azzarello, Chiang e Akins (2017) entre outros que sustentam teoricamente a pesquisa. Por fim, a partir das análises conclui-se que por meio da trajetória da heroína pode-se verificar que as experiências de ambas, sobre o amor e perda, chegando ao estágio de expiação com o pai, em que as personagens se reconhecem plenas com qualidades e defeitos, fortes ou fracas, passando por provações, sendo uma batalha interna psíquica que duvida de si mesmas, de sua capacidade como ser escolhida para salvar a humanidade até retomar sua autoconsciência, terminando quando supera os obstáculos e experimenta uma transformação pessoal, a recompensa de títulos de princesa, rainha, mãe, santa e heroína.

**Palavras-chave:**

Heroína. Semiótica. Maria de Nazaré. HQ Mulher Maravilha.

**RESUMEN**

María de Nazaret era una joven virgen, comprometida con un carpintero llamado José, que había sido elegida entre todas las mujeres de Nazaret de Galilea para concebir al hijo de Dios, comenzando su carrera. Diana, hija de Zeus con Hippolyte Queen, es una princesa nacida, predestinada a ser una superheroína que defenderá la verdad y propagará la paz. En su camino, rodeado de desafíos, luchas y laureles, ambos con sus particularidades, pero que se asemejan en un punto, a la trayectoria de la heroína. En esta perspectiva, la investigación tiene como objetivo analizar la trayectoria de Wonder Woman y Maria de Nazaré bajo el sesgo de la teoría de Maurren Murdock. Así, el estudio fue delineado por los fundamentos del enfoque cualitativo y descriptivo, utilizando los autores Marston (1928), White (1980), Murdock (1990), Campbell (1997), Greimas (2008; 2014), Cagnin (2014); Azzarello, Chiang y Akins (2017) entre

otros que teóricamente apoyan la investigación. Finalmente, del análisis se concluye que a través de la trayectoria de la heroína se puede verificar que las experiencias de ambos, sobre el amor y la pérdida, alcanzan la etapa de expiación con el padre, en la cual los personajes se reconocen con cualidades y defectos, fuertes o débiles, pasando por pruebas, siendo una batalla psíquica interna que duda de sí mismas, de su capacidad de ser elegido para salvar a la humanidad hasta que recupere su autoconciencia, terminando cuando supere obstáculos y experimente una transformación personal, la recompensa de títulos de princesa, reina, madre, santa y heroína.

**Palabras claves:**

**Heroína. Semiótica. María de Nazaret. HQ Wonder Woman.**

## **1. Introdução**

Qual o papel de um herói? Qual sua missão e o propósito de suas lutas? Nessas indagações que caminha a jornada de um herói, no entanto não se encaixa na perspectiva de uma heroína, seja ela fictícia ou normal.

A justificativa para a realização da presente pesquisa perpassou, entre outras questões sobre o debate a respeito do papel da mulher, nas suas experiências de vidas. Compreendo que existe uma complexidade muito maior em sua jornada e nas suas peculiaridades. Diante disso, despertou o interesse em analisar como duas mulheres que possuem grande relevância em narrativas, sejam elas na ficção ou nas escrituras antigas, em dado momento podem possuir semelhanças.

A partir desta problemática delineou-se como objetivo analisar sob a perspectiva semiótica gremasiana da teoria de Maurren Murdock (1990) a trajetória de Mulher-Maravilha e Maria de Nazaré na condição de mulheres designadas como líderes e guerreiras

Diante disso, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório-descritivo, utilizando autores como Marston (1928), Murdock (1990), Campbell (1997), Greimas (2008; 2014), Cagnin (2014) entre outros que abordam a temática, bem como o HQ da Mulher-Maravilha de Azzarello, Chiang e Akins (2017) e o livro “A história de Jesus” de White (1980) para evidenciar uma análise semiótica a jornada de ambas.

Desse modo, para melhor compreensão a pesquisa foi dividida em tópico, abordando a fundamentação teórica sobre a escolha a teoria na perspectiva gremasiana e a Jornada da Heroína: a Presença da mulher nas narrativas heroicas e a Apresentação de Maria de Nazaré e Mulher-Maravilha. Em seguida caracterizou os processos metodológicos da

pesquisa, elencando os instrumentos e sujeitos. Em por fim a análise e discussão dos resultados da pesquisa.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1. Linguagem em questão: teoria greimasiana**

Para entender a semiologia, é importante compreender as definições e que a cercam relacionar as diferentes vertentes da semiótica relacionadas em três conceitos teóricos dos princípios da semiótica, sendo expostas e analisadas em formato de discursos ou expressas nas imagens, sendo essas imagens categoricamente identificadas como ícone, índice e símbolo de uma determinada comunidade ou cultura. Sugere-se que a semiótica possui três formas de análise a periana, em análise do objeto, a greimasiana, estudo do discurso gerando sentido e a semiótica russa ou cultural, na qual se utiliza de métodos periano para análise do objeto identificando a produção deste por um grupo social. Neste sentido à medida que a imagem passa a ser ressignificada como signo que incorpora diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão desses códigos, essa ideia de ensinar a ver e ler (PARSONS, 1992).

Em seu percurso de reflexão, o trabalho norteia nos princípios semióticos greimasianos, passo a passo exploradas entre os sistemas de representação em seus aspectos linguísticos discursivos, assim defendidos por Greimas & Coutés (1989), onde qualquer manifestação expressional é passível de transcodificação, ou seja, sendo portadora de um conteúdo significativo, independentemente da substância em que seja gerada, na qual inicialmente esclarece a compreensão de alguns termos e expressões que permeiam o discurso e dando sentido.

Desse modo, numa leitura é possível observar que ocorre a interação do processo de codificação e de decodificação da mensagem passada pelo locutor, Simões (2017) confirma a ideia em que a leitura de um texto verbal e não verbal tem-se a estratégia ao realizar uma leitura de imagem para adquirir condições de verbalizar por escrito a experiência.

E a imagem se estende ao que denomina de leitura do mundo, pois desde a vigorosa idade, o homem inicia a participação das mais variadas leituras, sendo textos a serem lidos, compreendidos e interpretados, uma vez que contêm mensagens a serem decodificadas pelo observador (SI-

Diante disso, o comportamento comunicativo perpassa pelo procedimento de interpretação que se constrói por uma distribuição de significações, assim revelando uma natureza discursiva em trajeto gerativo de sentidos. “Se não temesse desaguar na metafísica, poderia dizer com certeza que se trata de propriedade da mente humana” (RICOEUR; GREIMAS, 2000, p. 85). Desse modo estabelece relação independente da linguagem uma verdade em que o homem já tenha imaginado.

## **2.2. A comunicação visual dos HQs: a mulher-maravilha**

Mulher-Maravilha, a heroína Princesa Diana, foi criada por Willam Moulton Marston (1928), também conhecido como Charles Bolton um psicólogo que inventou o polígrafo detector de mentiras.

A sua criação foi inspirada em suas duas esposas, o viés da Princesa Diana como um personagem feminino com toda a força do *Superman*, passando por algumas interfaces como **Amazona**, Incidente na Ilha Paraíso, **No mundo dos homens, Polêmica, Deusa, Poderes, Laço da Verdade, Aparições na Liga da Justiça**, além de todo o fascínio de uma mulher boa e bela e como a propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que deverá governar o mundo (AZZARELLO; CHIANG; AKINS, 2017).

Com eixo de análise aos HQs repleta de imagens verbal e não verbal, referencia-se com a teoria semiótica discursiva, em que as imagens buscam representar a vida cotidiana e as relações sociais, tornando uma linguagem de comunicação universal visando o público de massa, nem sem as histórias em quadrinhos foram vistas com bons olhos, passando por censuras, como ocorreu com a personagem da Mulher-Maravilha, Marston (1928) deixava evidente o entusiasmo e o otimismo em relação às HQs, o psicólogo passou a acreditar que o empoderamento feminino algo inevitável, na década de 40, criando um arquétipo da mulher que deveria governar o mundo.

Assim criando opositores de sua ideologia feministas retratadas na HQ Mulher-Maravilha, o psiquiatra Wertham (1954) encontravam elementos que não correspondiam a sociedade desejada pelos homens, “menção do psiquiatra que a personagem a condenava por ser fisicamente muito poderosa, embora a personagem seja uma figura assustadora para os meninos, é um péssimo exemplo para as meninas, pois representa o

oposto o que elas devem ser”, de modo geral “elas não fazem nenhum trabalho. Não são donas de casa. Não constroem família. E o amor maternal é algo totalmente inexistente” (WERTHAM, 1954, p. 234).

Atualmente os HQs é um gerador de recursos que articula a leitura e o ensino, utilizado como fonte de produções cinematográficas, sendo uma comunicação de massa e instantâneo, instrumento que facilita a divulgação de discurso e ideologias, entrando na rotina dos indivíduos, representando mundos reais e imaginários, de acordo com Ribeiro, “é aquilo pelo que se luta”. O discurso nada mais é do que um modo de definir as relações de poder existentes. É em outras palavras “efeito de sentidos entre locutores” (RIBEIRO, 2004, p. 88).

Os HQs em primeiro momento eram voltados para o público adulto, que buscava identificar a realidade mais cruel do ser humano, sujeito esse com poderes sobrenaturais com fragilidades humanas, assim consumidas compulsivamente por indivíduos seletos, tidas com potencial ideológico como instrumento de manipulação, a reconfiguração mercadológica muda às figuras dos quadrinhos para atender a plateia infantil e juvenil, não deixando de servir as pessoas maduras (RIBEIRO, 2004).

Na elaboração de sentido os HQs coopera na produção de outras ciências como literatura, história, psicologia, sociologia, didática, estética e publicidade, algumas das áreas de conhecimento analisadas e utilizadas como instrumento de ensino, o papel importante do discurso trabalhado por todas as áreas da comunicação humana, sendo também abordada na história em quadrinhos. Sendo assim o discurso se caracteriza como “processo de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.” (ORLANDI, 2005, p. 21).

Assim como muitas artes os HQs e visto como uma obra que traz o reconhecimento da identidade, valorizando as culturas, histórias lutas, nesse sentido demonstradas na jornada da Mulher-Maravilha e de Maria de Nazaré, apreciando a luta das mulheres e suas jornadas cheias de sentido, assim tornando grandes heroínas de sua narrativa.

### **2.3. *Maria de Nazaré***

Maria de Nazaré, conforme narrada nos Evangelhos, era uma jovem virgem que vivia em Nazaré da Galileia e noiva de um carpinteiro chamado José. Mas nos planos de Deus havia em Nazaré uma virgem a qual traria ao mundo a concretização da promessa da encarnação do Sal-

vador (WHITE, 1980).

Conhecida então como “Maria, mãe de Jesus”, deve ser distinguida de outras mulheres que são citadas no Novo Testamento com esse mesmo nome, é mencionada nas passagens bíblicas que fazem referência a infância e juventude de Jesus, e nos seus percursos sacros, até sua morte e ressurreição (WHITE, 1980).

Deste modo, Maria como personagem feminina de luta passa por etapas em sua narrativa, no momento em que recebe a visita do Anjo, a sua trajetória enquanto carregava em seu ventre até dar à luz a Jesus. Também mostra a sua vida após nascimento de Jesus, Maria durante o ministério de Jesus, Maria próxima de Deus.

#### ***2.4. Jornada da heroína: presença da mulher nas narrativas heroicas***

O antropólogo Joseph Campbell em sua obra “O herói tem muitas faces” (1949), na qual, evidenciou a jornada do herói, uma narrativa presente nos mitos que se desenvolve em ciclos, sendo composta por 12 estágios (Mundo Comum, o Chamado da Aventura, Reticência do Herói ou Recusa do Chamado, Encontro com o mentor ou Ajuda Sobrenatural, Cruzamento do Primeiro Portal, Provações, aliados e inimigos, Aproximação, Provação difícil ou traumática, Recompensa, O Caminho de Volta, Ressurreição do Herói e Regresso com o Elixir) (CAMPBELL, 1997).

Campbell (1997) no sentido de inspirar os centros criativos de possíveis atividades humanas, apresenta em seu psique símbolos produzidos espontaneamente trazendo em si o poder do criador, assim florescendo os mitos. Complementado o ponto de vista para Orlandi (2005, p. 21), “o discurso se caracteriza como um processo de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetividade, de construção da realidade etc”. Usando assim o imaginário para a realidade humana de um mito um herói, assim progredindo em uma jornada que leva a condição de apresentar o aventureiro.

Desse modo, fica o questionamento o herói é o homem da submissão autoconquistada. Mas submissão a quê? Eis precisamente o enigma que hoje se colocar diante de nós mesmos. Eis o enigma cuja solução, em toda parte, constitui a virtude primária e a façanha histórica do herói, Campbell (1997). Contudo é uma recriação da realidade construída por meio da perspectiva masculina de Deus expressando seu poder ver-

dadeiramente de interlocutores da boa nova, sendo aquele que inspira o comportamento humano.

A saga da Mulher-Maravilha corresponde ao monomito de Campbell (1997), assim representado na escala de etapas elaborada pelo teórico. E nessa visão singular de Diana na condição de guerreira, que será analisada a jornada da heroína.

Essa teoria fundamentou-se numa cultura que sempre andou em canais centrados no homem, entretanto não atendia às peculiaridades do caminho da mulher, seja esse caminho o social cultural, que possa criar as próprias referências e ter clareza, seja pela saga de uma mulher com poderes sobrenaturais.

Diante disso, a psicoterapeuta Maurren Murdock (1990), aluna e discípula de Campbell, lança uma nova teoria, a “Jornada da Heroína”, destacando os aspectos de sua experiência que diferem dos homólogos masculinos, embora tenha uma base estrutural semelhante ao do herói, a jornada da heroína dialoga especificamente com a experiências das mulheres. Murdock destaca que o percurso ocorre em uma serie de etapas, sendo a Troca do feminino pelo masculino, Estado de provações, Ilusão do sucesso, Queda, Encontro com a Deusa, Reencontro com o feminino, Reconciliação com o masculino.

Na troca do feminino pelo masculino refere-se com uma sociedade voltada ao patriarcado, na qual a mulher não foi estimulada para procurar algo fora de casa, sua fonte de inspiração são os exemplos baseados no comportamento masculino, em sua maioria das vezes a uma rejeição com a figura materna, demonstrando nada mais que o desprendimento da figura feminina, passando a copiar atitudes masculinas, supondo que só os homens possuem os passos para o sucesso (MURDOCK, 1990).

O Estado de provações evidencia tudo o que a mulher aprendeu ou identificou-se com os homens à coloca a prova, aceitando a masculinidade, o poder de decisão, assim iniciando a jornada do herói, com as influencias começa a trilhar o caminho como homem, tem o papel feminino afastado, rejeitado, na qual é o momento das escolhas (MURDOCK, 1990).

A Ilusão do sucesso é quando atinge o sucesso prova a infelicidade e as frustrações, por mais que o caminho trilhado esteja realizado, no entanto observa que esta faltando algo que não consegue identificar, sendo esta fase em que muitas mulheres em sua vida real, encontra a depres-

são ou ansiedade, não sabendo lidar com os caminhos tortuosos, que acredita que somente o homem sabe resolver. A queda é o momento em que a mulher vive seus conflitos internos, transtornos, já deu seu melhor e não entende porque falta algo, fato da repulsa ao masculino (MURDOCK, 1990).

O Encontro com a Deusa é busca do recomeço consigo, fase baseada em estudos religiosos e mitológicos, identifica com uma Deusa vinculada ao sagrado feminino, em busca da espiritualidade e da paz, seu lugar no mundo, com propósito e missão. O Reencontro com o feminino é quando começa a entender a espiritualidade de sua Deusa, existe uma missão e propósito, ser o que não entende como inferior, obtendo a ideia que a fortalece, fazendo as pazes consigo, independente da opinião dos outros, que não é nada de errado com ele e com os outros (MURDOCK, 1990).

A Reconciliação com o masculino é o momento de equilíbrio, retoma a visão ampla e integrada das coisas. E por fim a União onde o masculino complementa, integra de maneira mais plena vivendo literalmente a jornada da heroína, sem medo do julgamento ou fracasso, sem ter que provar nada para ninguém, tornando segura de si (MURDOCK, 1990).

Desse modo, a Jornada da Heroína é fundamental para que a mulher possa criar suas próprias referências e ter clareza de que a jornada do herói não atende às peculiaridades do caminho da mulher, o caminho social, cultural, psíquico e afetivo relacional. Logo, trabalhar com os mitos com as histórias dos oito pontos fazendo a contraposição entre o que afeta individualmente de outra maneira o movimento coletivo.

### ***2.5. Compaixão e ternura na saga de uma mulher***

No manifesto da heroína todas são heroínas e juntas são mais fortes inscrever as próprias aventuras, matam dragões, vencem labirintos, decifra enigmas, eram meninas e percorre livres todos os caminhos por onde sonhos e asas possam levar, sempre tem companhia de amigas, irmãs mães e filhas, que penteia os cabelos enxugam as lágrimas, aponta novos caminhos, segura nas mãos e asseguram que mesmo quando estiver sozinhas não estará só, a vida é um círculo uma espiral, perpassam por ciclos e que há sempre vida, morte e vida, a conquista de uma é a conquista de todas a dor de uma é a dor de todas, a liberdade de uma é a

libertação de todos (MURDOCK, 1990).

De modo que a luta da mulher constantemente é uma saga heroica, apresenta através das análises de imagens, sendo manifestações singulares da princesa Diana e Maria mãe de Jesus, exposta de forma comparada suas expressões faciais, vestias e o ambiente que a cercam, dessa maneira identificaremos que a vida, morte e ressurreição são fatores recorrente a uma jornada destinada a uma heroína.

### **3. Percursos metodológicos**

Para a elaboração da pesquisa, foram empregadas estratégias para traçar uma abordagem científica do estudo e concretizar o ciclo completo da investigação, expondo o objeto do estudo, os objetivos: geral e específicos, a justificativa e o método utilizado.

Segundo Ferreira, a pesquisa científica é fundamental, pois é através dela que o pesquisador situa seu trabalho dentro da área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o e situando o tema pela definição dos autores pertinentes que fundamentam a investigação (FERREIRA, 2010, p. 1).

Diante disso, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório-descritivo. Qualitativa, pois “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos fenômenos observados” (MINAYO, 2001, p. 14). A pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com um problema e envolve levantamento bibliográfico (GIL, 1994). E por fim o estudo descritivo, “objetiva descrever as características de certa população ou fenômeno, envolvem técnicas de coleta de dados padronizadas, assume em geral a forma de levantamento” (GIL, 1994, p. 207).

Para o referencial teórico utilizou os autores como Marston (1928), White (1980), Murdock (1990), Campbell (1997), Greimas (2008; 2014), Cagnin (2014); Azzarello, Chiang e Akins (2017). Entre os autores acima citados ainda estão os livros, dissertações, teses, monografias, artigos científicos disponibilizados no banco de dados *SciELO*, CAPES, repositórios específicos da temática pesquisada.

Além de duas obras sHQ “Mulher-Maravilha:” Sangue” de Azzarello, Chiang e Akins (2017) e o livro “A história de Jesus” de White (1980) para evidenciar uma análise semiótica a jornada de ambas. Os mes-

mos foram estudados, revisados e sistematizados e o resultado que ora se apresenta foi construído de forma que os fatos e características fossem descritos com exatidão.

#### 4. *Análise de discussão*

A pesquisa tem como objetivo analisar sob a perspectiva semiótica gremasiana e da teoria de Maureen Murdock (1990) a trajetória de Mulher-Maravilha e Maria de Nazaré na condição de mulheres designadas comolideres e guerreira. Desse modo, para materialização da pesquisa buscou-se analisar duas obras HQ da “Mulher-Maravilha: Sangue” de Azzarello, Chiang e Akins (2017) e o livro “A história de Jesus” de White (1980), na qual serão selecionados alguns trechos que remetem a trajetória do Herói.

Figura 1: Troca do feminino/Estado de provações.



Fonte: White (1980); Azzarello, Chiang e Akins (2017) (Adaptado).

A figura 1 no formato comparado a obra “Mulher-Maravilha Força exposta” perpassa o momento em que a heroína segura uma criança no colo, na seguinte fala “[...] E que não precisam mais ter medo” (AZZARELLO, CHIANG E AKINS, 2017, p. 45), já na segunda imagem disponível na obra “Vida de Jesus” corresponde o divino momento do encontro de Maria com o Anjo Gabriel, revela o pedido de Deus, no contexto bíblico em Lucas 1, 26-38, na qual O anjo, então, disse-lhe: Não tenhas

medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus” (WHITE, 1980, p. 11). O que remete aos estágio da heroína de Murdock, o momento da Troca do feminino pelo masculino e também pelo Estado de provações, pois ambas vivem numa Sociedade voltada ao patriarcado, na qual os exemplos baseados no comportamento masculino. Tendo que desprender figura feminina e aceitar a posição forte para iniciar a sua jornada.

Desse modo, a narrativa de ambas imagens expressam claramente o convite para o novo, assim mesmo com espanto ambas assumem suas responsabilidades, seguindo a ideia de Greimas (1975, p. 40) “estudos recentes sobre a linguagem e as práticas gestuais mostram que conceber a explicação do sentido de uma outra maneira: o sentido do pode ser concebido ou como um projeto virtual”. O discurso pode ser inserido da linguagem não verbal, em dados comparados são os pontos gestuais semelhantes que gera o discurso de um novo mundo uma nova jornada.

Figura 2: Queda.



Fonte: White (1980); Azzarello, Chiang e Akins (2017) (Adaptado).

A figura 2 evidencia a amazona com a seguinte narrativa “Mas Deus da guerra, naquela noite na montanha”, demonstrando o pedido de clemência e suplicas ao Deus mitológico (AZZARELLO; CHIANG; AKINS, 2017, p. 26). A outra figura Maria está levando Jesus para o sepulcro, momento de declínio com a perda, mesmo sendo uma proposta divina, descrita na Bíblia em João 19, 40 “Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus cos-

tumam fazer, na preparação para o sepulcro” (WHITE, 1980, p. 191).

Sob viés da Murdock (1990) relaciona ambas as narrativas com o momento da queda, em que a mulher vive seus conflitos internos, trans-tornos, já que seu melhor e não entende porque falta algo.

O que faz sentido na perspectiva greimasiana, pois em sua análise “um domina a vida antes da morte, e o mundo solar o outro, a vida depois da morte, o mundo noturno e subterrâneo, mas cada um invade o domínio do outro e enfrenta aí uma luta, que não tem razões para deixar de ser” (GREIMAS, 1975, p. 230). Em outras palavras um caminho que produz sentido dando manifestação de um plano de expressões.

Figura 3: Encontro com a Deusa.



Fonte: White (1980); Azzarello, Chiang e Akins (2017) (Adaptado).

Na figura 3 a figura da Mulher-Maravilha protagoniza a narrativa “simultaneamente, a jovem Diana dedica-se aos tradicionais estudos das amazonas” (AZZARELLO; CHIANG; AKINS, 2017, p. 16), interpretando a releitura de sua história apegando-se aos ensinamentos superiores, assim também corresponde a segunda figura de Maria em conexão com a sabedoria divina apresentando o menino Jesus no templo, conforme a leitura bíblica no documento de Lucas 2, 22 “E, cumprindo-se os dias da purificação dela, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor” (WHITE, 1980, p. 12).

Para Murdock (1990) as narrativas compreendem o momento do encontro com a deusa, pois no momento em que sua jornada tem um significado, ela busca do recomeço consigo. Desse modo corrobora com a fala de Greimas (1975, p. 153) “são dois senhores dotados de um poder supremo, do poder da vida e da morte. Este poder se manifesta pela manejamento de técnicas comparáveis porém diferentes a engenhosidade se

opõem à magia”, sobre o entendimento do poder que o ser superior relacionada aos pedidos humanos.

Figura 4: Reencontro do feminino.



Fonte: White (1980); Azzarello, Chiang e Akins (2017) (Adaptado)

A figura 4 no que corresponde a primeira figura na última Diana se apresenta com a filha de sua irmã, sendo sua recompensa heroica, revelando sua intuição maternal, com a seguinte descrição “vocês são tão sexistas!” (AZZARELLO; CHIANG; AKINS, 2017, p. 170), na figura 2 a imagem clássica de Maria de Nazaré com Jesus na manjedoura, momento épico para o cristianismo descrita em Lucas 2, 7 “E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.” Testemunhando assim o significado maternal concebido pela natureza humana e ao mesmo tempo divino (WHITE, 1980).

Na teoria de Murdock (1990) as narrativas se assemelham reencontro com o feminino compreendendo que existe uma missão e propósito, assim, a fortalece, promovendo as pazes consigo. Segundo Greimas (1975) o destinador (autoridade social que encarrega o herói de certa missão salvadora) investe o herói do papel de destinatário, e estabelece assim uma relação contratual, estando entendido que a realização do contrato será sancionada por uma recompensa (a narrativa tomando assim a forma, mais frequente, de troca), referindo o que a narrativa das duas imagens mostra suas missões as levarem há uma recompensa.

Figura 5: Reconciliação com o masculino/ União.



Fonte: White (1980); Azzarello, Chiang e Akins (2017) (Adaptado).

A figura 5 expõe Diana como humana evidenciado na fala “ talvez... em consideração a você. Mais, pelas minhas irmãs...” na companhia de sua irmã, tenta lhe dar conselhos (AZZARELLO; CHIANG; AKINS, 2017, p. 39). Maria de Nazaré não é diferente, a figura demonstra os momentos de ensinamento do menino Jesus, mencionada na leitura bíblica de Lucas 2:51,52 “E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas. E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (WHITE, 1980, p. 37), assim enunciando o poder do conhecimento de vivência que ambas tem.

O que remete a duas etapas da jornada de Murdok (1990) a Reconciliação com o masculino e a União, pois diferente de antes, agora o masculino é integral de maneira plena, pois agora há um equilíbrio, na qual a vivência é atualizada complementarmente, deixando o medo julgado para trás, tornando-se segura de si.

Assim, na perspectiva de Greimas (1975, p.) sua ideia elucidada a narrativa das duas heroínas, “os gestos e feitos do herói, considerando seus comportamentos como signos reveladores da natureza, e tentando aprofundar o reconhecimento deste campeão sem nome cujas armas são as ações”, escancarando o princípio de que o herói deve tomar a forma de humano, que suas ações sábias são a melhor arma para uma batalha.

## 5. Considerações finais

Ao longo do estudo puderam-se verificar teorias que, em dado momento, se complementam. No universo sigiloso no HQ da Mulher-Maravilha, mesmo que a realidade seja fictícia não deixou de expor as fragilidades e fortaleza da mulher, do mesmo modo que Maria de Nazaré percorre sua narrativa de compaixão e luta.

Assim como muitas artes, os HQs são vistos como uma obra que traz o reconhecimento da identidade, valorizando as culturas, histórias, lutas, nesse sentido demonstradas na jornada da Mulher-Maravilha e de Maria de Nazaré, apreciando a luta das mulheres e suas jornadas cheias de sentido, assim, tornando grandes heroínas de sua narrativa.

Desse modo, as mulheres traçam sua jornada, se apropriam de modos que a tornam fortes e corajosas, conquistam o poder e se reconstituem a cada passo, se reencontram e inventam sua própria história com certa independência.

Por fim, esse estudo representou apenas um exercício de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, seja nas HQs, nas escrituras ou no cotidiano, tendo a pretensão de ser um início de debates e que possa colaborar com novas pesquisas, buscando sempre promover estudo que promovam o *status quo* feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

GREIMÁS, A. J.; COURTÉS. *Dicionário de Semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. Trad. de Ana Cristina Cruz Cezaretalli. Petrópolis: Vozes. 2014

GREIMAS, Algirdas-Julien. *Semântica estrutural*. Trad. de Haquira Osakabee Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 2008.

MARSTON, William Moulton. *As emoções das pessoas normais*. São Paulo: Success for You, 1928.

MURDOCK, Maureen. *Heroine's Journey*, Colorado: Shambhala Publications, 1990.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formação e circulação de sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005

RICOEUR, Poul. *A Metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

SIMÕES, Darcília. *Semiótica e Ensino: Letramento pela imagem*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.